

T X A I

O canto e a magia dos povos da floresta

JORGE SANGLARD

O cantor e compositor Milton Nascimento vivenciou a luta e o dia-a-dia dos povos da floresta, os índios, os seringueiros e ribeirinhos, no Acre, em plena Amazônia. As impressões da viagem foram tão fortes que mexeram com a alma de Milton para o resto da vida. Adepto fervoroso dos ideais ecológicos e radicalmente contra a impunidade que encobre a violência da Amazônia, e de toda a tragédia ecológica no Brasil, Milton sabe que chegou a hora de dizer que a salvação do planeta também está em nossas mãos.

A partir de uma fita com cantos indígenas recolhidos pela Aliança dos Povos da Floresta, Milton Nascimento mergulhou fundo neste universo fascinante e teceu e entreteceu uma sonoridade intimista e lírica ao canto forte dos Kaypó do A-Ukre, Paiter, e Waiápi.

O resultado é o disco "Txai", lançado pela CBS, uma densa meditação sobre as relações entre os povos da floresta e a natureza. Milton, com os olhos, a voz e a alma da floresta, conseguiu captar a essência de uma gente simples e a própria simplicidade da concepção do trabalho é a sua maior virtude. O disco acaba se transformando numa viagem, que convida o ouvinte e o transporta encantado no embalo do canto dos índios e no inspirado canto de alerta de um homem da cidade.

Txai - palavra da língua dos índios Kaxinawa... adotada por índios, seringueiros e ribeirinhos, no Acre, como tratamento de respeito e carinho a todos os adiados dos povos da floresta. Companheiro; uma metade de mim.

— Chegou a hora de dizer com todas as palavras e com veemência que a salvação do planeta está em nossas próprias mãos?

— Justamente, tenho certeza de que tudo depende da gente. Acontece que a gente se recusa a ver, fecha os olhos, fecha os ouvidos e não vê que a vida do planeta está por um triz. Nos Estados Unidos estão fechando fábricas que se recusam ao uso de filtros, agora, aqui no Brasil, a gente fica jogando água em pedra. Está na hora porque a coisa está muito feia. Estive lá na Amazônia e vi de todas as maneiras, vi de cima e vi por dentro, e a destruição está muito grande. E a resposta a natureza já está dando, ora em terremotos ora em enchentes, ou ainda com a mudança do clima, e por aí fora...

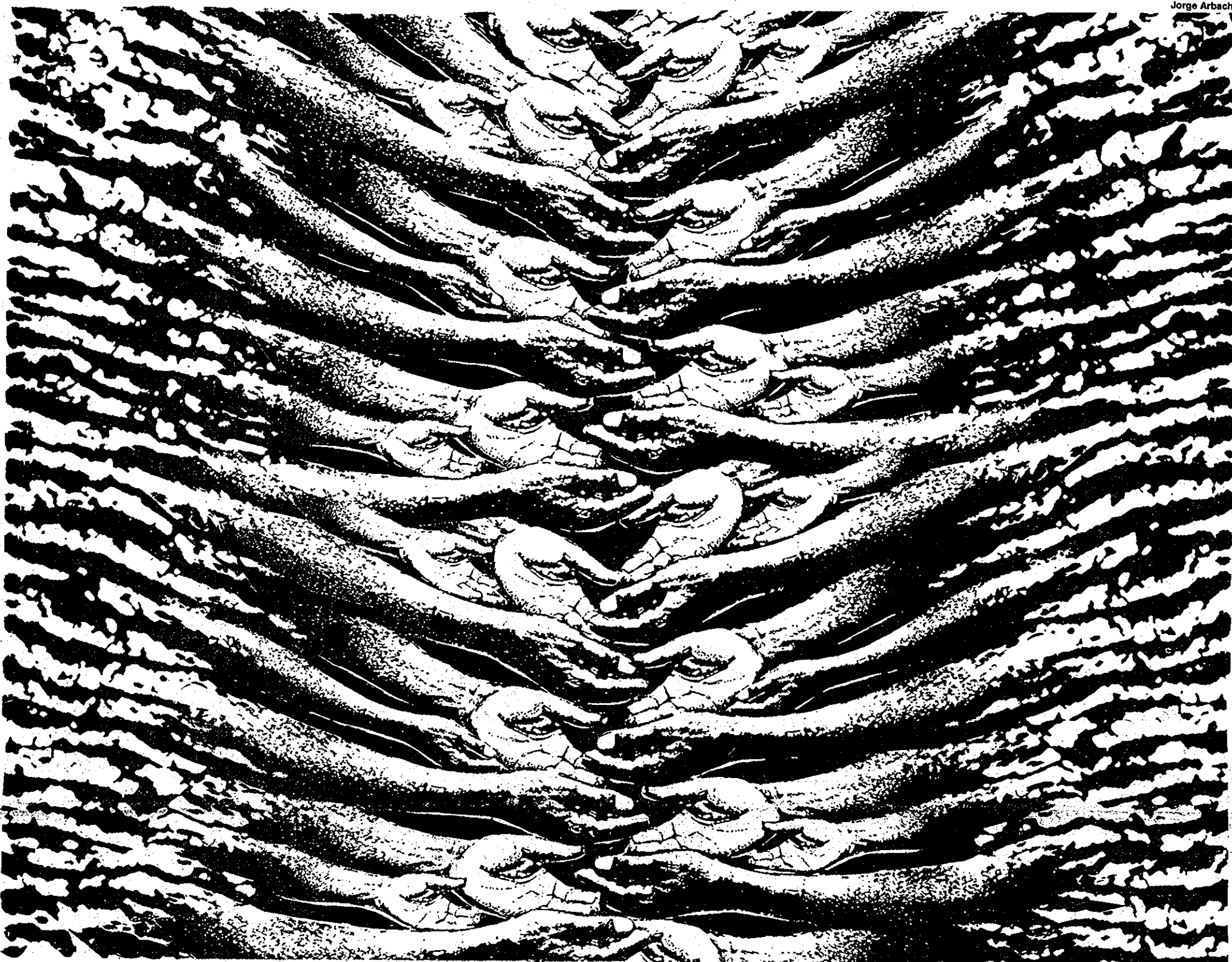
— Essa violência não é um problema da Amazônia, na verdade, é uma tragédia ecológica no Brasil todo.

— No Brasil e no mundo. Mas acontece que no Brasil o pessoal é muito sem vergonha e fica muito difícil botar na cabeça das pessoas que parem de preocupar somente com o seu próprio bolso.

— Neste momento está havendo uma tomada de consciência a partir de diversas manifestações que começaram a aflorar desde a violência que foi o assassinato de Chico Mendes. O eco da luta do Chico Mendes está possibilitando dizer que o Brasil ainda pode ser salvo em termos ecológicos?

— Justamente, porque o homem vai chegando e é como a formiga Saúva, que aonde aparece destrói tudo. Por isso, está havendo uma reação a nível nacional e a nível internacional envolvendo entidades como o Green Peace, a Anistia Internacional, a Fundação Daniele Mitterrand e a Aliança dos Povos da Floresta. E também por parte de muitos artistas que graças a Deus, aproveitando o fato de terem um microfone na mão, estão botando a boca no trombone, e alertando o mundo todo.

— Os artistas são uma antena e têm um poder de expressão muito forte. É esse engajamento é fundamental para ajudar a despertar a consciência ecológica...



Jorge Arbach

— A história prova isso. Sempre os artistas foram precursores dos movimentos e já houve muita morte por causa disto, muita perseguição. Mas sempre foram os artistas, antes dos políticos e antes do resto do mundo começar a dar o grito de alerta.

— Que tipo de repercussão aconteceu, dentro de uma gravadora do porte da CBS, quando você se propôs a fazer um disco como este, com experimentações e explorações inusitadas?

— Acredito que no começo eles não viram a coisa com bons olhos não. Viram com um pouco de medo do que eu ia fazer. Mas acontece que ninguém meteu o bedelho e quando começaram a ouvir as coisas, aí deram o maior apoio e continuaram dando, e a proposta deles é de fazer um trabalho para que este disco não caia no esquecimento e para que tenha a divulgação que merece.

— Toda a simplicidade da concepção do álbum tem uma relação com a vida dos povos da floresta. Aí reside a riqueza do próprio trabalho, isto é, a maior virtude do disco é poder expressar fielmente o universo dos povos da floresta?

— Não poderia ser de outra maneira. Eu não consigo ver de outra maneira. Na hora em que comecei a compor, de repente, me bateu: mas está tão simples. E comecei a pensar sobre isto e vi que era isto mesmo.

— Depois de ter tocado com Wayne Shorter, Herbie Hancock e muitos outros músicos de jazz você ampliou sua penetração no mercado internacional e se esperava que em seu disco essa proposta prevalecesse. Mas você deu um corte e articulou um trabalho voltado para a questão da solidariedade e da defesa da ecologia, discutindo os problemas dos povos da floresta.

— Sabe o que que é? É que tudo em minha vida acontece de uma maneira mágica, de uma maneira bonita. Não penso em fechar ciclos, em nada, as coisas vão acontecendo e eu deixo que elas aconteçam. Então, cada dia vou aprendendo mais e, à medida em que vou aprendendo, essa coisa vai saindo e passando para os discos, para os shows, para as pessoas. E aí é que está a coisa boa de poder trabalhar com a música. E ser porta-voz das pessoas.

— Qual o contato que você tem com artistas que fizeram outros trabalhos voltados para a questão ecológica?

— Mais com a Marliu Miranda, que conheço há muito tempo, tenho trabalhos dela, já conversamos muito e é uma pessoa que faz parte da minha vida. Essa coisa toda dos índios que tem no disco partiu da Aliança dos Povos da Floresta. A partir de um pedido meu, eles mandaram diversos trabalhos dos índios. E pude selecionar as coisas que eu queria colocar no disco. Aliás eram muito mais coisas, mas o espaço físico de um disco não permite.

— Como você sentiu essa viagem à Amazônia e como foi confrontar com a realidade dos povos da floresta e vivenciar essa experiência?

— Essa ida ao Acre, aliás, foram duas idas, foi uma coisa muito importante e que mexeu comigo para o resto da minha vida. Tantas informações que acho que não cabem num disco só. Então, tem mil coisas pra gente fazer ainda. O que não quer dizer que eu agora vou fazer só este tipo de trabalho. Mas realmente mexeu muito, principalmente, fazendo a comparação do comportamento das pessoas da cidade com o comportamento das pessoas do interior, do interiorzinho mesmo. E é uma coisa que ajudou a mexer muito com a minha alma, a acordar muita coisa, inclusive, a coisa do medo, porque eles não têm medo de nada. E a coisa mais importante

é que a gente fica aqui na cidade grande com mil teorias e com mil análises e você vai conversar com uma pessoa dessas, na Amazônia, e vê que tudo é tão simples, tão óbvio.

— Essa sua postura ecológica não é uma coisa de momento. Você é um adepto fervoroso das idéias ecológicas?

— A ecologia faz parte da minha vida há muito tempo e faço parte da Aliança dos Povos da Floresta, do Green Peace, da Anistia Internacional, da Fundação Daniele Mitterrand. São todas essas coisas que levam a gente para este caminho, não é uma coisa só, é tudo isso.

— Ao elaborar o disco, a base do trabalho foi a busca da autenticidade entre o canto dos povos da floresta e a sua música?

— Foi sim... Se bem que as músicas saíram naturalmente, mas foi depois da viagem ao Acre. Foi tudo muito natural. A gente pegava as músicas e via o que os índios estavam falando, do que se tratava, e, de repente, tinha a ver com a música que eu fiz. Tudo no disco tem sentido dentro da ordem.

— Você tem alguma esperança de que o desmando, a violência contra os povos da floresta sejam contidos?

— Espero estar colaborando de uma maneira muito forte para isso, a partir da turnê que vamos fazer pelo Brasil e pelo mundo, levando a mensagem dessas pessoas ao vivo, ou nos telões. E espero também que essa mensagem vá chegando aos filhos dos chefes, aos filhos das pessoas que têm poder, porque só os filhos é que vão dar jeito nos pais. Quero que esta mensagem toda chegue mesmo no fundo, no coração das pessoas, e que a gente consiga. Porque o dia que alguém ouvir o que uma pessoa dessas tem para falar não vai ter mais a necessidade de vítimas como o Chico Mendes. E sim, vai ter um tratamento de igual para igual entre as pessoas.

— A impunidade contra os agressores da Amazônia, e de todo o país, não é o maior mal?

— Essa impunidade no Brasil é que leva o Brasil a ser o que ele é. A gente está sofrendo pra tudo quanto é lado, não é só na questão da natureza, em todos os sentidos. O Brasil, pelo fato de ser pacífico, e de ter um monte de gente que não presta, acima das cabeças da gente, dá a impressão de que cada dia eles estão pedindo as nossas cabeças. Então, o Brasil é um País aberto a todo tipo de sacanagem. Mas espero que eu possa tocar o coração de um filho de um sujeito desses, é como aquilo que o Chico Buarque falou: "Você não gosta de mim, mas a sua filha gosta".

— Este momento está sendo particularmente rico para uma tomada de consciência ecológica, pois, além do seu disco, está saindo o livro "O Empate contra Chico Mendes", do Márcio Souza; está sendo produzido um anúncio de TV sobre a salvação da Amazônia, com a música dos Beatles "Help" como tema; e a novela da Rede Manchete "Pantanal" está despertando a atenção de todo o País para aquela região. A ligação de todos estes fatos torna irreversível a discussão da questão ecológica?

— Quando mais gente tiver falando melhor. A medida que a televisão começa a enfatizar este tema já é um bom presságio.

— Há alguma coisa em especial no disco que você gostaria de falar?

— Em se tratando de um jornal mineiro há uma coisa que gostaria de falar. Tem uma música chamada "Benke", em parceria com o Márcio Borges, que é o nome de um Curumim, um garotinho do povo Kampa que eu visitei e se tornou o meu melhor amigo nesta viagem. Eu fiz então uma música para ele e esta música seria eu e o Benke cantando, para isso, precisava de um Curu-

mim da cidade para cantar comigo e fui achar um em Belo Horizonte. Uma criança que canta com voz de criança mesmo, o Leonardo Bretas, que chegou lá no Estúdio e, tanto em termos de interpretação quanto em descontração, e naturalidade, foi incrível.

— Como foi o processo de composição e da elaboração do álbum?

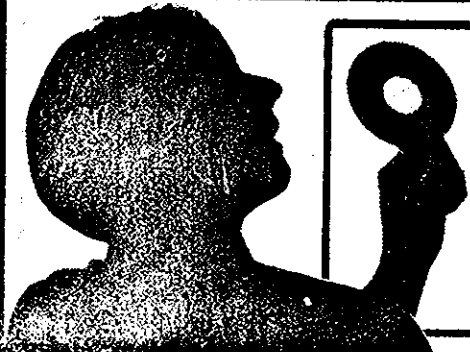
— A medida que ia fazendo as músicas, já sabia o que cada música significava, por qual caminho ela iria. E, ao mesmo tempo, eu já sabia na mão de quem gostaria de botar. E aí chamei cada parceiro em particular, depois de falar sobre o geral, para falar sobre cada coisa, sobre cada música. Então, todas as músicas têm tudo aquilo que a gente conversou, tudo que senti e transmiti para os meus parceiros.

— Qual o critério para a canção "Coisas da Vida" se tornar faixa de trabalho?

— A gente estava gravando, ia entrar uma novela na Globo e eles queriam uma música. A partir de uma sinopse, escolhemos essa canção, mandamos para eles, e logo que chegou eles optaram para ser o fundo musical para a personagem que o Toni Ramos interpreta. É uma música que fala de amor, e amor pode ser em qualquer lugar do mundo. É o maior barato porque, tocada numa novela, o pessoal assimila, o povão assimila, e chama para outras coisas como o "Fantástico", "Hebe Camargo", etc. e aí se deserta para o álbum.

— Minas Gerais também tem muito problema com a questão ecológica. O que dá para ser feito pelos lados de cá?

— Minas Gerais é um poço de assuntos para isso, pelo fato de ter as minas e de acabarem com as montanhas e acabarem com o que resta de florestas para fazer carvão e haja rio poluído. Então, Minas Gerais, em termos ecológicos, é um capítulo à parte, que acho que dá outra entrevista.



O Som do Futuro, no Presente

Tudo em Compact Disc (CD) na Atel

ATEL

Elétrica: Rua Batista de Oliveira, 657/665 - Tel: 215-6833
Decoração: Av. Barão do Rio Branco, 2678 - Tel: 215-5365
Fábrica: Rua Osório de Almeida, 289 - Tel: 215-3686
Juiz de Fora - MG